

Bornhausen mantém indefinição sobre vice

Sérgio Amaral/AE

Presidente do PFL ainda acredita que líder do partido na Câmara vai levar em consideração unanimidade em relação a seu nome e aceitar indicação

MARTA SALOMON
e GUILHERME EVELIN

BRASÍLIA — Vai se chamar “União pelo Brasil” a coligação entre o PSDB, PFL e PTB encabeçada pelo senador Fernando Henrique Cardoso. A aliança será formalizada amanhã sem o nome do candidato a vice. Indicado pelo deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA) para assumir a vaga, o presidente do PFL, Jorge Bornhausen, não descarta a hipótese, mas manifesta esperança de que o líder do partido na Câmara aceite a missão. “Ele tem aptidão não apenas para ser o vice, como para ser o próximo presidente”, elogia.

Um dos principais articuladores da aliança, Bornhausen não tem dúvida de que a eleição será disputada entre Cardoso e o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva. “A eleição será polarizada”, prevê. E crê que o episódio da absolvição do deputado Ricardo Fiúza (PFL-PE) na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara não interferirá na coligação.

Estado — O deputado Luís Eduardo Magalhães lançou seu nome para vice de Fernando Henrique Cardoso. O sr. aceita?

Jorge Bornhausen — Não falo sobre hipóteses. A Executiva aprovou por unanimidade a indicação de Luís Eduardo. Eu acredito no curso natural das coisas e nas unanimidades. Ele tem aptidão não apenas para ser o vice hoje, mas para ser o presidente amanhã. O Luís Eduardo vai levar em consideração essa unanimidade e

aceitar a indicação. Tenho confiança nos descanços de fim de semana. As pessoas têm mais tempo para pensar.

Estado — A reação dos tucanos ao empenho de Luís Eduardo na absolvição do deputado Ricardo Fiúza atrapalha a aliança?

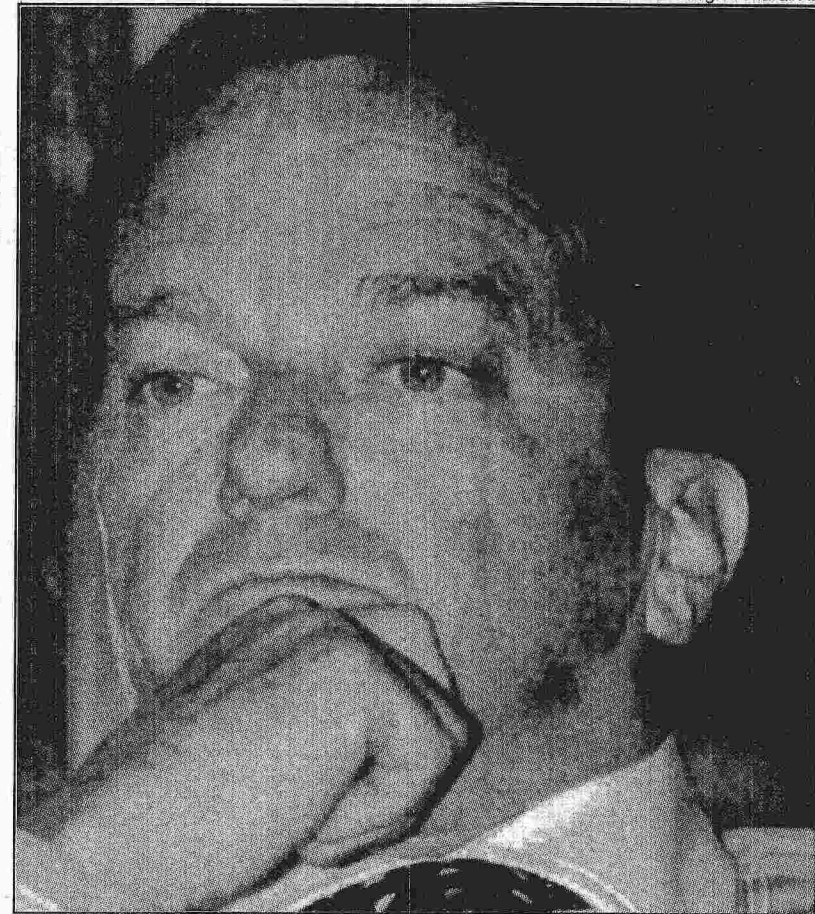
Bornhausen — Temos de distinguir popularidade de credibilidade. A popularidade, às vezes por algum gesto de coerência, é arranhada. A credibilidade não pode ser perdida. A ação

do Luís Eduardo foi de credibilidade. Foi de lealdade e solidariedade com alguém que acabou absolvido. Ele fez a opção que eu faria: entre a credibilidade e a popularidade, o político tem de optar pela credibilidade.

Estado — O sr. acha que o deputado Ricardo Fiúza deve subir no palanque de Cardoso?

Bornhausen — O deputado Fiúza deixou claro que uma vez provada sua inocência, não tem mais o que fazer na vida pública.

Estado — Este é assunto encerrado?



“A vida pública se faz com espírito público, e não com vetos”

Bornhausen — A reação do PSDB foi um episódio momentâneo. O importante são as metas de um programa comum de governo. Nós temos um desafio, que é consertar o Brasil e, para isso, é preciso que a gente vença a eleição. E para ganhar a eleição, nós temos de fazer a campanha, não podemos ficar falando de “a” ou de “b”. A vida pública se faz com espírito público, e não com vetos.

Estado — Isso é um recado para o PSDB?

Bornhausen — Não. É uma regra para todos. Para o PFL, para o PSDB, para o PT.

Estado — Como será administrada a aliança em caso de vitória nas urnas?

Bornhausen — No Brasil, com a multiplicidade de partidos, é impossível haver o governo de um partido

só. É absolutamente imprescindível para se garantir a governabilidade que se construam alianças. E é muito mais fácil construir alianças antes das eleições. Aliança antes das eleições passa pela vontade de vencer, e não apenas por uma série de trocas políticas. Por isso, eu sempre defendi: quanto maior o arco, melhor o candidato.

Estado — Como evitar os erros da aliança no governo José Sarney?

Bornhausen — Eram circunstâncias completamente diferentes. Agora vai haver uma eleição di-

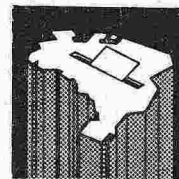
reta e o problema já não é de transição democrática, mas de retomada do desenvolvimento econômico. E a aliança é necessária para dar sustentação às reformas necessárias.

Estado — E quem vai mandar: os tucanos ou o PFL?

Bornhausen — O regime é presidencialista. Quem vai mandar é o presidente da República.

Estado — O sr. leva em conta a possibilidade de Lula vencer ainda no primeiro turno?

Bornhausen — Não vejo hipótese de o Lula ganhar no primeiro turno. Eu acho que o Fernando Henrique é quem pode ganhar ainda no primeiro turno. Não é fácil, mas não é impossível. De qualquer forma, nessa eleição dificilmente haverá lugar para terceiros, para outro candidato. Haverá uma bipolarização.



**ELE PREVÊ
POLARIZAÇÃO
ENTRE LULA E
CARDOSO**